

A Tópica do Deserto nas Cartas de São Jerônimo

The Topic of the Desert in the Letters of Saint Jerome

Eduardo Silva Leite

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso/Brasil
Faculdades Evangélicas Integradas Cantares de Salomão (FEICS), Cuiabá, Mato Grosso/Brasil

profeduardoleite@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3249-8312>

Resumo: Este trabalho aborda o lugar que o deserto e suas representações ocuparam em algumas correspondências de Jerônimo de Estridon. Mestre de todos os ofícios literários, reconhecido ainda em vida e mesmo após sua morte, por suas traduções, comentários bíblicos e uma coleção de cartas. Jerônimo tornou-se uma espécie de guia para grupos específicos da sociedade romana do IV século. A partir de suas cartas, a tópica do deserto será apresentada aqui como ocupando um lugar de destaque. Este trabalho utilizasse da metodologia de análise de discurso associada a História Cultural para realizar tal pretensão. Portanto, considerando a *paideia* cristianizada no IV século, o deserto revelou-se nas cartas de Jerônimo, tanto um símbolo de prestígio e status social para as elites cristãs quanto um espaço de autenticidade e legitimação da autoridade intelectual e espiritual, destacando-se como o ambiente ideal para a formação e demonstração de virtudes.

Palavras-chave: deserto; cristianização; epístolas.

Abstract: This work addresses the place that the desert and its representations occupied in some correspondences of Jerome of Stridon. A master of all literary crafts, recognized in life and even after his death, for his translations, biblical commentaries, and a collection of letters. Jerome became a kind of guide for specific groups of roman society in the 4th century. From his letters, the topic of the desert will be presented here as occupying a prominent place. This work uses the methodology of discourse analysis associated with Cultural History to achieve this intention. Therefore, considering the christianized *paideia* in the 4th century, the desert revealed itself in Jerome's letters, both a symbol of prestige and social status for the christian elites and a space of authenticity and legitimation of intellectual and spiritual authority, standing out as the ideal environment for the formation and demonstration of virtues.

Key words: desert; christianization; epistles.

1 Aspectos biográficos e introdutórios

Jerônimo nasceu em Estridon (Penna, 1952, p. 11)¹, por volta dos anos 345 – 347 d.C., informações sobre seu nascimento são escassas. Da mesma forma, há poucas informações sobre seus familiares. Seu pai pode ter se chamado Eusébio; sua tia, Castonira, e seu irmão, Pauliniano. Apenas sobre estes dois últimos, temos conhecimento por meio de cartas e no *De viris illustribus* (Jerônimo, ep., LXXXI.2.)². No tempo em que o bispado de Roma estava sendo exercido por Libério e Constâncio II era o imperador, Jerônimo chegou à *Urbs Aeterna* para estudar. Seus estudos se desenvolveram entre os anos 359 e 367 d.C. Sua formação escolar foi estritamente romana, clássica e “pagã”, influenciando-o ao longo de toda a vida³.

Nesse período escolar, floresceram amizades com Rufino, Bonoso (seu amigo mais antigo), Pammaquio e Heliodoro (Moreno, 1986, p. 27). Na escola romana, estudou gramática com Elio Donato, o qual o “[...] introduziu, também, no estudo direto dos clássicos latinos.

¹ Onde se localiza Estridon? As discussões se desenvolvem a partir das correspondências que são as fontes mais confiáveis. Nelas, podemos ler a respeito de seus amigos de infância e familiares, o que nos aproxima de Aquilea e Lubiana. De acordo com Moreno, Estridon localiza-se nos confins da Dalmácia e Panônia. Ver também: Moreno, F. San Jerónimo: La espiritualidad del desierto. Madri: B.A.C., 1986. p. 20.

² Orig. Lat. *Hieronymus, patre Eusebio natus, oppido Stridonis, quod, a Gothis eversum, Dalmatiae quondam Pannoniaeque confinium fuit* – Trad. Livre: “Jerônimo, filho de Eusébio, da cidade de Estridão, que fora destruída pelos godos e então ficava na fronteira entre a Dalmácia e a Panônia” (Vir. Ill. 135). Ver também as discussões em MARTINS, M. C. S. Cultural and Linguistic aspects of Saint Jerome’s Epistles concerning Antioch, Syria, and Constantinople. Firuzzağa Mah. Boğazkesen Cad., No:76/8, 34425, Beyoğlu, İstanbul. Dakam’s International Social Sciences Meeting March 2017 Conference Proceedings Sociocri ‘17 / IV. International Sociology Conference Social Movements Studies. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/315817229>. Acesso em: 26 mar. 2020.

³ Não há hesitação em Jerônimo para citar autores como: Virgílio, Pitágoras, Demócrito, Sócrates, Anaxágoras, Telamón, Crantor, Platão, Diógenes, Clitômaco, Carnéades, Possidônio, Péricles, Xenofontes, e muitos outros para ficar somente na epístola LX (PONTIFICIA UNIVERSIDAD DE SALAMANCA. Cartas de San Jerónimo. Introdução, versão e notas por: Daniel Ruiz Bueno. Madrid: La Editorial Católica S.A, 1962).

Virgílio, Salústio, Cícero, Terêncio, Plauto, Lucrécio, Horácio, Pérsio e Lucano, juntamente com [...] Quintiliano, Frontón e Plínio, foram lidos por Jerônimo em seus estudos de gramática” (Penna, 1952, p. 14) (cf. Santos, 2018; Cruz, 1997; Carpinetti, 2003).

Após estudar gramática, deveria dedicar-se à retórica. Talvez tenha se dedicado um pouco mais a esses estudos, por ser possível encontrar artifícios retóricos sofisticados em diversas cartas. Provavelmente, durante esses estudos, ele se interessou pelo grego, embora a língua helênica não fosse mais fluente entre a aristocracia romana do ocidente, bem como no restante da população.

Estudou filosofia grega, o que, de algum modo, o auxiliou no conhecimento da dialética e da lógica, elementos destacáveis em suas obras (Moreno, 1986, p. 16-17). Essas habilidades foram fundamentais em sua empreitada intelectual. Estamos ressaltando aspectos que indicam uma conduta condizente com a atividade própria daqueles que convivem em espaços apertados de poder no âmbito das elites romanas (Brown, 1992, p. 398).

Jerônimo era mestre de todos os ofícios literários. Ainda em vida, e mesmo depois, ficou conhecido por suas traduções, comentários bíblicos e uma considerável coleção de correspondências⁴. Segundo Andrew Cain, suas obras magistrais levaram a erudição moderna a classificá-lo como um sofisticado escritor de cartas, citando a sua habilidade como prosador e retórico, habilidoso nas convenções epistolares, com conhecimento sobre um amplo grupo de gêneros epistolares antigos, contribuindo de maneira inovadora para a tradição epistolográfica latina. O número de comentários sobre cartas individuais continua a reafirmar essas conclusões por meio da análise microtextual (Cain, 2016, p. 224).

Por volta do ano 382 d.C., Jerônimo esteve em Roma, apresentando-se agora como um erudito e mestre na atividade intelectual cristã romana. Sua vinda a Roma ocorreu por meio de um convite,

⁴ No século XIII recebe o título de Doutor da Igreja. *Corpus iuris canonici*, ed. E. Friedburg (Leipzig, 1879–81), vol. 2, p. 1059. *Apud* CAIN, Andrew. “*Vox Clamantis in deserto*”. In: **Journal of Theological Studies**, NS, vol. 57, Pt 2, Oct., 2006. Disponível em: <http://jts.oxfordjournals.org>.

resultado de seus anos em Constantinopla⁵. Portanto, entre os anos 382 e 384 d.C., Jerônimo esteve em Roma exercendo uma função importante junto ao líder da Igreja romana, atuando como uma espécie de consultor bíblico (Moreno, 1986, p. 52). Certamente, isso lhe proporcionou amizades com figuras importantes para a construção de sua autoridade, bem como inimigos a altura. Algumas dessas pessoas tornaram-se alvos para o monge estridonense cooptar para seu círculo afetivo estratégico, reforçando seu lugar e sua autoridade política e social (Leite, 2013, p. 40-43).

Em grande medida, podemos concordar que a circulação do *Epistularium ad diversos liber*⁶ e o conhecimento das línguas bíblicas além de garantirem o cargo político dele em Roma, mas também lhe proporcionaram acesso a importantes figuras da aristocracia romana, especialmente as damas do Aventino (Leite, 2017). Considerando seu zelo pela circulação de seus escritos e sua sólida e prestigiosa formação escolar, bem como os amigos que conquistava, o estridonense mantivera-se em seu posto por um tempo considerável (Berardino, 1978, p. 257).

Esses novos contatos se tornaram amigos quase inseparáveis do monge erudito. Essa rede de amigos tornou-se fundamental para

⁵ Foi na grande cidade de Constantinopla que, por aproximadamente dois a três anos, Jerônimo adquiriu um conhecimento mais amplo do cenário político e do ambiente eclesiástico romano, preparando-se assim para sua chegada à capital do Império. Além de ter contato com alguns personagens importantes, como Gregório de Nazianzeno e, possivelmente, Gregório de Nissa, e de ter conseguido traduzir as crônicas de Eusébio, as Homilias de Orígenes sobre o profeta Jeremias e os comentários sobre o profeta Isaías dirigidos ao bispo de Roma, Dâmaso, Jerônimo recebeu um convite para dirigir-se a Roma, um grande centro político e social, cf. Leite. **O casamento nas epístolas de São Jerônimo**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em História, Cuiabá, 2013. p. 39.

⁶ Um conjunto de cartas escritas num período de dois anos 374/376 d.C. que tinham como função, neste momento, propagar um Jerônimo *perfectus monachus*. Estão incluídas nesse conjunto as cartas de 2 – 13 e 15 – 17. A organização dessas cartas foi fundamental para a recepção de Jerônimo em Roma e, principalmente, pelo Círculo do Aventino. Leite. **O casamento nas epístolas de São Jerônimo**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em História, Cuiabá, 2013, p. 40.

sua integração na elite intelectual e social de Roma, construindo e consolidando seu prestígio e influência em diversos círculos de poder. No entanto, é importante destacar que um elemento foi fundamental para o sucesso do monge estridonense tanto em Roma quanto em Belém, onde provavelmente encerraria seus dias. O tema do deserto, cuidadosamente articulado, desempenhou um papel de destaque. Essa tópica foi essencial para manter-se e até mesmo avançar na busca por reconhecimento nos restritos espaços de poder da época (Schaff. s.d., p. 15).

A maestria de Jerônimo na escrita transcendeu a mera utilização do tema do deserto como um artifício no conjunto de cartas conhecido como *Epistularium ad diversos liber*. Abaixo, demonstraremos como, mesmo após a circulação inicial dessa propaganda, ele continuou a explorar profundamente os diversos significados associados à temática do deserto⁷. O deserto foi atraente para as elites romanas cristãs por representar a nova paideia. Assim como a paideia clássica causava boa impressão na elite romana pagã, a nova paideia despertava novos interesses na elite cristã do IV século.

2 O Deserto

A escola para alma

O deserto, a escola da perfeição, o lugar do maravilhoso, do angélico, do sobrenatural, nas epístolas de São Jerônimo⁸, não guarda apenas a

⁷ Andrew Cain argumenta que esse conjunto epistolar propagandístico estava impregnado pela imagem do deserto, visando que Jerônimo ocupasse espaços em Roma no início de sua carreira. No entanto, algumas correspondências sugerem que o uso desse tema serviu como recurso literário diante da perda de prestígio social, ou seja, após sua saída da “cidade eterna”. Não subestimamos suas convicções pessoais e sua fé autêntica; no entanto, reconhecemos o uso de estratégias próprias de seu tempo na tentativa de garantir sua sobrevivência intelectual. Ver CAIN, Andrew. **Vox Clamantis in Deserto: Rhetoric, Reproach, and The Forging of Ascetic Authority in Jerome’s Letters from the Syrian Desert.** Journal of Theological Studies, NS, Vol. 57, Pt 2, October 2006. p. 514.

⁸ Utilizamos o epistolário editado pela Biblioteca de Autores Cristãos, com introdução, versão e notas por Daniel Ruiz Bueno, uma edição bilingue de 1962. PONTIFICIA

solidão, uma hora outra perturbada pelo diabo e criaturas ferozes que se misturam à figura do bárbaro. Este lugar ocupa também, inclusive no imaginário social do IV século, sobretudo entre os cristãos, um espaço privilegiado: a escola de formação do homem de Deus (Sotomayor; Ulbiña (org.), 2003, p. 645).

Um lugar não somente de barbárie, mas, para muitos, uma espécie de estágio para santificação e purificação do homem e da mulher. Além de um espaço de desprendimento, era também um lugar de transformação para aqueles que se autoexaminam. Gradualmente, esse espaço essencialmente humano e perigoso foi-se transformando em uma espécie de centro legítimo de transformação espiritual.

Ao estudar a questão das ocupações dos espaços conhecido como deserto, o professor Paulo A. Tamanini notou essa transformação.

A construção da imagem-símbolo do desdobramento do deserto, instituídos e chamados eremitérios, monastérios, lavras, foram ganhando força e legitimação graças às investidas, organização, regimento e discursos dos Pais da Igreja (também conhecidos como “Padres da Igreja” ou “Santos Padres”, em sua grande maioria Bispos), primeiramente gregos, depois latinos (Tamanini, 2016, p. 181).

Nesse sentido, destaca-se a importância da influência dos Pais da Igreja na construção e legitimação da imagem-símbolo do deserto como um local de busca espiritual. Portanto, podemos considerar que a noção de deserto, *solitude*, pelo menos entre os homens da alta Idade Média, seria um termo cujo significado estaria mais próximo das tradições retóricas bíblicas e clássicas, aplicada a uma geomorfologia europeia.

Segundo Gabriel Castanho:

O deserto que aparece na documentação produzida no mundo latino medieval é, de fato, uma metáfora e não uma metonímia. [...]. Primeiro, pois se trata da abstração de uma realidade empírica em direção a uma realidade simbólica criada pela imaginação cristã. Em seguida, pois não há uma relação necessária e objetiva entre a morfologia geográfica

do deserto bíblico e aquela das florestas ou baldios europeus (Castanho, 2015, p. 126).

Ele ressalta que a noção de deserto medieval não estava diretamente ligada à morfologia geográfica dos desertos bíblicos do Oriente Médio. Em vez disso, ela era uma construção simbólica que refletia os ideais espirituais e ascéticos da época. Essa interpretação mais ampla do deserto permitiu que os homens do tempo de Jerônimo aplicassem os conceitos e valores associados ao deserto - como solidão, renúncia e busca espiritual — a ambientes naturais diferentes dos encontrados na Bíblia.

O professor Castanho ainda diz que a Vulgata Latina já demonstrou muito bem a cristianização e também a latinização dos espaços desertos do Antigo Testamento. No Antigo Testamento, a fórmula *uasta solitudo* vinculou-se diretamente ao deserto da provação de Israel ou dos hebreus. É possível crer tratar-se de esforço para associar provação espiritual e ecossistema inóspito. “Em suas versões latinas, “vastidão” e “solidão” exercem uma função discursiva bastante conhecida pelos oradores antigos: a amplificação retórica do objeto narrado” (Castanho, 2015, p. 128)⁹. Essa prática promove, também, um convencimento emotivo diante da adversidade, pois

além de ser um lugar árido e rochoso, a “*uasta solitudo*” (muitas vezes traduzida pelo termo “deserto” nas versões modernas da Bíblia) remete diretamente às provações divinas impostas ao povo escolhido e à crença, por parte de Israel, de que fora, diante de povos inimigos, abandonado por Deus (Castanho, 2015, p. 128).

O deserto constitui, assim, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, um tema particularmente atraente. Ele foi por excelência um lugar de disciplina, lapidação, transformação. De escravos no Egito, o povo israelita passou a ser os representantes de Deus. A escola para a construção do sábio cristão esteve no caminho dos profetas antigos. João

⁹ Considerando que os primeiros cristãos articulavam a ideia desses dois extremos a partir das lutas que Cristo travou (Mc. 1, 12-13; Mt. 4, 1-11; Lc. 4, 1-13).

Batista e Jesus não foram registrados estudando em escolas rabínicas, mas morando e sendo provados no deserto.

Ali, os hebreus teriam tido as experiências mais imediatas da presença de Deus, e neste lugar tiveram que lutar pela pureza, pela fidelidade a seu Deus. “Mas também foi no deserto que o povo eleito experimentou o pecado e a ofensa ao Criador, a tal ponto que, em certo momento, aquele lugar chegou a ser símbolo da ausência, da solidão, cheio de perigos e tentações” (Tamanini, 2015, p. 182).

Lugar de santificação

Podemos notar que o deserto no Novo Testamento abriga a figura terrível do demônio. Em Mt 4.1,2 diz: “Então Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. Por quarenta dias e quarenta noites esteve jejuando” (Bíblia de Jerusalém). Está claro: o deserto é onde Deus e o Diabo podem se encontrar! Após a batalha travada entre Jesus e seu inimigo, e tendo vencido, o evangelista diz: “Com isso, o diabo o deixou. E os anjos de Deus se aproximaram e puseram-se a servi-lo” (Bíblia de Jerusalém, Mt 4.11).

O deserto foi escolhido como lugar privilegiado para a purificação e santificação do homem. Moisés também esteve quarenta dias e quarenta noites em uma montanha falando diretamente com Deus (Bíblia de Jerusalém, Ex. 24.18; Dt 9.25; 10.10). Assim, ir ao deserto, habitar o deserto, sobreviver ao deserto é, em alguma medida, assemelhar-se a Jesus Cristo e aos profetas do Antigo Testamento. Em outras palavras, é o caminho do santo!

A verdadeira e mais difícil luta contra o mal ocorre no deserto. Os demônios são vencidos no deserto, assim como Jesus os venceu. O cenário é avisado pelas vidas dos homens que antecederam os leitores contemporâneos (Rebenich, 2009, p. 13-16). Esses seres criam pensamentos no candidato a santo, suscitam os vícios e desejos antes contidos. Esses seres, que podem aparecer como animais, anjos, fantasmas, são frágeis ante o solitário que se apega em Deus.

Embora seja terrível o custo para a santificação, o santo enfrentará em nome da experiência única de encontrar-se com o transcendente. Independente do *locus*, montanha, bosque, vale, etc., o estado de

deserto abriga a santificação e purificação que projeta o homem a níveis espirituais jamais alcançados sem tais esforços.

O deserto constitui-se, efetiva ou simbolicamente, no locus ideal do solitário. O eremita deverá a este lugar sua própria terminologia etimológica, *eremus*. Desse modo, será aquele que, acima e antes de tudo, viverá no deserto. O deserto, porém, mais do que um lugar físico e geográfico, poderá se constituir em um lugar mental, psíquico, [...] (Amaral, 2009, p. 187).

Nesse sentido, a geografia do deserto não seria tão importante quanto a simbologia cultural que ele representa. O maravilhoso deste local está mais na mística que o compõe do que efetivamente em suas características locais e físicas. O que procuravam no deserto senão o que os transcendia — sagrado? Amaral acredita que essa busca pelo inóspito está diretamente ligada à procura pela

maior perfeição espiritual, uma vez que a realidade anterior fora corrompida pelo pecado. Poderiam [...] promover aí sua parcela de paraíso, já que este seria antes de tudo um estado de espírito, de perfeição, mais facilmente atingíveis no deserto, o lugar de maior ausência da matéria e sua dinâmica – o mundo e a vida social (Amaral, 2009, p. 187).

Estavam à procura de uma transformação espiritual. Ao caminharem pelas trilhas bíblicas deixadas pelos grandes exemplos de fé, esses devotos do deserto poderiam experimentar os benefícios espirituais descritos nas escrituras. Assim, ao viverem conforme a tipologia e a tradição, a certeza da presença de Deus os auxiliaria na resistência aos demônios. Eles enfrentariam provações e alcançariam a santificação à medida que percorressem o ermo. O deserto se responsabilizou por projetar homens e mulheres aos níveis mais altos da espiritualidade.

Buscar uma transformação espiritual ou aperfeiçoamento, nestes termos, representa, simultaneamente, uma ruptura com a própria existência histórica.

A vida no deserto quisera em primeiro lugar romper com o “mundo”. Desse modo, o eremita que deixará o “mundo”,

também acabará por deixar a própria história, pelo menos enquanto circunscrita e dinâmica ao tempo secular, porque mundana e corruptível. O deserto passará a ser o lugar onde o tempo e o espaço profano, “histórico”, será relegado a um lugar secundário (Amaral, 2009, p. 191).

Ora, estar no deserto é sentir outra experiência temporal: do sagrado¹⁰. É assim que veremos, nas epístolas abaixo, um lugar, ora ameno e tranquilo, ora terrível, rochoso e árido, como habitando feras e demônios, porém permitindo a produção intelectual-espiritual. É como se Deus tivesse o prazer de ali trazer a iluminação necessária para seus escolhidos. Esse espaço sagrado, com sua própria lógica de funcionamento, que articula elementos antagônicos, nos finais do IV século, tornou-se responsável por trazer a santificação espiritual que os Pais do Deserto precisavam para produzirem como intelectuais reconhecidos (Castanho, 2015, p. 131).

O deserto da hagiografia

É assim que se podem observar nas hagiografias, sobre os comportamentos dos santos ante ao lugar deserto. Na rota traçada desde Antão, ninguém alçará aos altos níveis espirituais sem viver o deserto. Mas não era simples; “todo aspirante a solitário não o obterá sem antes passar por preparações prévias e se acostumar com seu ambiente, aprendendo, por exemplo, a discernir o ‘bem’ e o ‘mal’ que nesse se estabelece” (Amaral, 2009, p.208).

¹⁰ No IV século, os homens do deserto, os anacoretas e eremitas, representavam um conjunto cultural simbólico que flertava com a memória do filósofo e sábio estoico. Jerônimo fez referência à tópica antiga sobre os “habitantes” do deserto, como uma tradição ainda viva. Esses indivíduos estavam a par de uma graça especial, viviam entre feras, pois haviam recuperado o paraíso perdido, que lhes permitirá domesticar o selvagem deserto. Vencer o deserto é garantir a autoridade para guiar toda a sociedade por um mundo hostil. Ninguém mais apto para guiar as pobres almas aristocráticas que aqueles que venceram, como os profetas, os demônios em seu lugar de habitação. Leite. **O deserto nas cartas de São Jerônimo**. 2021, p. 226. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021, fl 11.

A vida de Antônio e de muitos outros foi uma espécie de gabarito ou modelo a ser seguido. Suas aflições e lutas; os problemas enfrentados e as soluções dadas são o itinerário para todos que almejassem a perfeição. Outra fonte formadora das estruturas mentais ascéticas vem das mãos próprio Jerônimo, a *Vitta Paulii*, primeiro eremita, escrita por volta de 374-379 d.C. “tinha como função última e maior rivalizar com a *Vita Antonii*, apresentando Paulo — o primeiro eremita — como o “verdadeiro” precursor desta prática, pois teria se retirado ao ermo antes de Antônio e aí o excederia em virtude” (Amaral, 2009, p.116). Contudo, o que faz é reforçar e reviver a vida ascética encontrada em Vita de Antônio.

Nas primeiras cartas, Jerônimo se apresenta numa descrição estilizada de sua experiência monástica em termos nitidamente ligados à Vida de Antônio, que se reproduziu em Vita Paulo¹¹. Com estilo e na tradição dos homens do deserto, Jerônimo em suas primeiras correspondências cuidou não só do esforço literário prático, mas também de detalhes de sua aparência física. Se apresentou surrado pelas intempéries, falou de estar enrolado em saco e cinza (*en sacco et cinere*) e de ter uma corrente, com muita sujeira e cabelos compridos (*catena, sordes et comae*)¹² os quais são símbolos de seu rigor penitencial e mortificação. Para Andrew Cain (2006, p.516), Jerônimo é um “engenheiro” extremamente habilidoso e consciente dos efeitos sociopolíticos de suas correspondências e obras¹³.

¹¹ Jerônimo tinha um conhecimento profundo da “Vida de Antônio”. Como um exímio escritor, foi responsável pela tradução latina da “Vida de Paulo, o Primeiro Eremita”, realizada por seu patrono Evágrio. Além disso, suas primeiras cartas foram destacadas como uma narrativa em que Jerônimo se retrata como um herói do ascetismo nos mesmos moldes de Paulo e Antônio. Cain, Andrew. *Vox Clamantis in Deserto: Rhetoric, Reproach, and The Forging of Ascetic Authority in Jerome's Letters from the Syrian Desert*. **Journal of Theological Studies, NS, Vol. 57, Pt 2, October 2006, p.515.**

¹² A epístola XVII de Jerônimo dirigida a Marco, presbítero de Cálcis, carrega tais elementos.

¹³ Para tal afirmação, Cain demonstra que sua chegada em Roma foi antecedida por um plano. Até 393 d.C. retoca seu *De Viris illustribus* anexando sua autobiografia no último capítulo como um herdeiro vivo da tradição cristã intelectual. Outros dois tipos de correspondência também foram publicados nesse período: sete composições epistolares autônomas e dois *libris* de correspondências pessoais, uma das cartas a Marcela (*ad Marcellam epistularum liber*) e a outras cartas a diversas pessoas (Ep. 2 – 13, 15 – 17 ou *epistularum ad diversos liber*) Cain, Andrew. *Vox Clamantis in Deserto: Rhetoric,*

A paideia cristã

É sempre válido lembrar que os novos intelectuais cristãos assumiram, no processo de cristianização, o lugar dos filósofos pagãos que educavam a elite romana há séculos. No IV século estava em vigência a nova paideia¹⁴. O ideal eremítico que está circulando nos tempos de São Jerônimo carrega a tradição de uma cultura híbrida e abrangente, pois esses “homens do deserto” não são iletrados e completamente alheios ao mundo, mas carregavam uma cultura produzida nos moldes da paideia grega, porém agora cristianizada.

A paideia que projetava os cidadãos romanos na esfera pública agora se configurava, basicamente, como um conjunto de fatores que orientava o cristão numa conduta desejável para cumprir os mandamentos de Cristo. Os estudos e a meditação que a aristocracia romana, por exemplo, realizava como uma espécie de modelo ideal aristocrático de vida, foram cristianizados e voltados para os estudos dos textos bíblicos. As técnicas de análise textual dos textos pagãos eram as mesmas para textos bíblicos. As doutrinas cristãs passaram a ser interpretadas a partir do pensamento filosófico grego. Enquanto a paideia grega se voltava para uma classe, o cristianismo era mais universalista (Leite, 2021, p. 68).

Os intelectuais cristãos dialogavam com um imaginário próprio das camadas mais cultas da sociedade romana. Diziam que, na conversão,

Reproach, and The Forging of Ascetic Authority in Jerome’s Letters from the Syrian Desert. **Journal of Theological Studies, NS, Vol. 57, Pt 2, October 2006, p.516.** Segundo Stefan Rebenich, Jerônimo exagerou certos fatos na tentativa de alinhar sua própria vida com os estereótipos monásticos orientais. REBENICH, Stefan. Jerome: The Early church Fathers. London and New York: Routledge, 2002. p. 7.

¹⁴ Werner Jaeger informa-nos que, desde os escritos de Atos do Apóstolo Felipe, de autoria desconhecida, quando o tal apóstolo Felipe, ao chegar a Atenas, diz: “Vim para Atenas a fim de revelar-vos a paideia de Cristo.” “Ao chamar o cristianismo de ‘a paideia de Cristo’, o imitador enfatiza a intenção do apóstolo de fazer o cristianismo aparecer como sendo uma continuação da paideia grega clássica, o que tornaria sua aceitação lógica para aqueles que possuíam a mais antiga. Ao mesmo tempo, ele conclui que a paideia clássica está sendo substituída por tornar Cristo o centro de uma nova cultura. A antiga paideia, desse modo, converte-se em seu instrumento.” JAEGER, Werner. **Cristianismo primitivo e paideia grega.** Santo André, SP: Academia Cristã, 2014. p. 22. Tem-se a clara noção de que os cristãos intelectuais apresentam aos pagãos a nova paideia ao racionalizarem os ensinamentos de Cristo.

a revelação acontecia trazendo o verdadeiro conhecimento para o fiel. Um novo conceito de educação elaborava-se (Marrou, 1973, p. 492). Os intelectuais cristãos, portanto, devem ser considerados no processo de cristianização da sociedade tardoantiga romana. Essa construção foi lentamente proporcionando as condições necessárias para a projeção do ascetismo cristão. No século IV, o asceta cristão refletia aspectos semelhantes ao estoico moralista do século II que ensinava os grupos dirigentes romanos (Melo, 2012, p. 194).

Jerônimo não apenas abraçou a tradição do deserto para preservá-la, mas também se dedicou a transmiti-la ao longo dos anos. Ele escolheu a solidão do deserto como seu local de formação, em vez da vida urbana em Antioquia. Essa escolha desafiou os valores tradicionais da sociedade, que temiam muitas vezes lugares inseguros como as fronteiras do império. Seguiu a tradição dos homens mais ilustres que se formaram no deserto. Lá, ele encontrou uma atmosfera propícia para sua vida ascética. Além disso, o deserto lhe proporcionou uma conexão com figuras influentes no cenário político de Roma.

Ao demonstrar seu comprometimento com a vida ascética no deserto, Jerônimo não apenas buscava semelhanças com outros eremitas, mas também reconhecia a importância desse ambiente para sua própria formação e ascensão. Essa escolha fez parte de sua opção e decisão pessoal, mas também serviu como estratégia para acessar figuras influentes no cenário político de Roma, buscando patrocínio para sua projeção como intelectual cristão. Além disso, ao adotar uma postura ascética e dedicada ao estudo das Escrituras, Jerônimo seguia uma tradição epistolográfica que valorizava composições retóricas de alta qualidade, refletindo seu compromisso com os ideais cristãos e seu desejo de contribuir para o desenvolvimento da teologia (Rebenich, 2002, p. 8).

3 O lugar do Deserto nas Epístolas

O deserto se revela como um espaço de aprendizado contínuo, onde a alma é instruída na arte da fidelidade, da pureza e da devoção, preparando-se para alcançar novos patamares de compreensão espiritual e comunhão com o sagrado. É nesse ambiente de contrastes, ora ameno e tranquilo, ora terrível e árido, que a santidade é acessada e vivenciada intensamente. A

tradição cristã demonstra desde Antônio que é esse o lugar que permite o verdadeiro e mais glorioso encontro entre Deus e o Homem. Os melhores cidadãos, os mais sábios e espiritualmente relevantes entre os homens dos finais do século IV não viriam das escolas urbanas, mas de um lugar terrível e angélico ao mesmo tempo.

Considerando agora algumas epístolas que ilustram a articulação da tópica do deserto no discurso de Jerônimo, podemos analisar o lugar do deserto nos escritos enviados à nobre Marcela¹⁵ (XLVI), a Nepociano¹⁶, sobrinho de Heliodoro, bispo de Altino (LII), à nobre Furia (LIV) e duas cartas a Paulino de Nola, um presbítero (LIII e LVIII). Esses documentos foram escritos no contexto de sua expulsão de Roma, e evidenciam que, mesmo após o período inicial de sua trajetória intelectual, Jerônimo continuou a explorar profundamente os diversos significados associados à temática do deserto em sua produção literária.

Portanto, demonstraremos como toda a tópica cristã do deserto manifestou-se nas epístolas. A epistolografia jeronimiana, com alta dívida ao estilo epistolar romano, transportava em seu conteúdo esse elemento fundamental para a consolidação da imagem do homem de Deus que vem do ermo. O deserto, com toda a sua carga semântica e cultural, emerge nessas correspondências, como uma lente pela qual o monge interpreta os desafios da existência e estabelece conexões com seus destinatários.

O contexto dessas correspondências pode auxiliar a compreender melhor seu conteúdo. Em meio a dias difíceis em Roma, Jerônimo

¹⁵ Líder no famoso círculo do Aventino, uma nobre romana membro de uma das famílias mais importantes de Roma, os Marcelos. Após ficar viúva de um casamento que durou sete meses, entregou-se à vida casta muito antes de Jerônimo a conhecer. Rejeitou casar-se novamente, mesmo diante de convites como de Neratius, cônsul romano (328-358). Jones, A. H. M.; Martindale, J. R.; Morris, J. **The Prosopography of the Later Roman Empire**. Cambridge: University Press. 1993, p. 542.

¹⁶ Outro destinatário de Jerônimo de cuja epístola usamos aqui foi Nepociano, o presbítero (Epíst. LII). A prosopografia diz ser sobrinho de Heliodoro, bispo de Altinum (Epíst. LX). Após servir no palácio, Nepociano renunciou suas propriedades e tornou-se monge, assim, essa epístola seria como conselho para o novo monge. Jones, A. H. M.; Martindale, J. R.; Morris, J. **The Prosopography of the Later Roman Empire**. Cambridge: University Press. 1971, vol II. p. 117.

decide partir para Belém, a cidade onde nasceu Jesus¹⁷. Em Belém, lugar onde residiu 34 anos, esteve liderando grupos de ascetas masculinos e femininos, auxiliado por Paula e Eustóquia¹⁸. Nesse monastério, assessorado por essas mulheres, exerceu seu papel de tutor nos estudos clássicos e línguas bíblicas, traduções, comentários, trabalhos controversos e epístolas¹⁹.

A Marcela

É nesse período, provavelmente, os seis primeiros anos em Belém, que a carta à Marcela, escrita em nome de Paula e Eustóquia (*Paulae et Eustochii ad Marcellam de Sanctis locis* - XLVI), saiu do oriente para

¹⁷ Os motivos para Jerônimo sair de Roma estão provavelmente ligados às suas investidas para a realização de seus projetos intelectuais. Na capital romana, as nobres famílias não poderiam suportar os discursos origenistas ascéticos jeronimianos, frustrando suas expectativas políticas e econômicas. Uma vez que a sociedade comunicava bens por meio e, sobretudo, do casamento, o discurso ascético era difícil de aceitar. Segundo Andrew Cain, dois eventos sequenciais marcaram o início da despedida de Jerônimo na corte sacra: as mortes da nobre Blésia, filha de Paula, e do bispo Dâmaso. CAIN, Andrew. **The Letter of Jerome: Asceticism, Biblical Exegesis, and the Construction of Christian Authority in Late Antiquity**. Oxford: University Press, 2009. p. 100. Ver também a epístola XLV a Asela para sua defesa sobre esses dias conturbados em Roma.

¹⁸ Sobre tais mulheres e o círculo do Aventino ver CRUZ, Marcus Silva da. **Da Virtus Romana à Virtude Cristã: Um Estudo Acerca da Conversão da Aristocracia de Roma no IV século a partir das Epístolas de Jerônimo**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS). Rio de Janeiro, 1997. fl. 167.

¹⁹ Entre 386 – 392 d.C., pôde concluir o comentário sobre Eclesiastes e a tradução de Didymus sobre o Espírito Santo; os comentários sobre Efésios e Gálatas, Tito e Filemon; uma revisão da versão do Novo Testamento iniciada em Roma; um tratado sobre Salmos e a tradução de Orígenes em São Lucas e nos Salmos; o livro sobre os nomes de lugares hebraicos, traduzidos principalmente de Eusébio; o livro de nomes próprios hebraicos e o das perguntas hebraicas sobre Gênesis; a revisão de sua tradução do LXX, envolvendo uma comparação do Hêxapla de Orígenes; uma parte considerável da Vulgata; a vida dos eremitas Malchus e Hilarion e o catálogo de escritores ilustres da Igreja. Cf. Leite. **O deserto nas cartas de São Jerônimo**. 2021, p. 226. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021, fl 182.

convidar a antiga amiga a juntar-se às nobres damas do deserto. Esta é uma boa representação do que nos propomos aqui.

Esta epístola constitui um convite direcionado a Marcela para que ela considere a possibilidade de habitar no deserto. Paula e Eustóquia, notáveis damas romanas, ao perceberem que os projetos intelectuais de Jerônimo, assim como os delas, estavam ameaçados desde agosto de 385 d.C., passaram a convidar suas antigas companheiras para se juntarem a elas em um lugar sagrado, que Jerônimo descreve como o maravilhoso “Éden”.

Na verdade, se o que pedimos é melhor, não é um desejo vergonhoso. Se todas as palavras das Escrituras estão de acordo com nossos sentimentos, não é nossa audácia provocá-la à mesma coisa que tantas vezes nos exortou a fazer. [...] Esta terra montanhosa localizada no alto, quanto mais falta delícias no mundo, mais se tem das espirituais²⁰.

Nesse trecho do convite, Jerônimo apresenta sua persuasiva argumentação a Marcela. Ele sustenta que o desejo de buscar o que é melhor não é vergonhoso, especialmente quando alinhado com os preceitos das Escrituras. Ao evocar a congruência entre seus sentimentos e as palavras sagradas, Jerônimo visa fortalecer sua posição, destacando que o convite não é uma audácia, mas sim um chamado legítimo. Ao descrever a terra montanhosa como um lugar elevado, ele sugere que suas delícias espirituais superam as do mundo terreno, tornando-a ainda mais atraente para aqueles que buscam uma vida dedicada à espiritualidade.

²⁰ Original em latim: “*Certe, si sunt meliora quae poscimus non est inpudens desiderium. Si cunctae scripturarum uoces nostrae sententiae congruunt, non faciamus audacter ad ea te prouocantes ad quae tu nos saepissime cohortata es. [...]. Haec terra montuosa et in sublimi sito quantum a deliciis saeculi uacat tantum maiores habet delicias spirituales.*” Em espanhol: “A la verdad, si es mejor lo que pedimos, no se trata de un deseo descarado. Si las palabras todas de las Escrituras están de acuerdo con nuestro sentir, no es audacia nuestra te provoquemos a lo mismo a que tú tantas veces nos has exhortado. [...]. Esta tierra montañosa y situada en lo alto, cuanto más carece de deleites del mundo, tanto los goza mayores espirituales. (Jerônimo, **Epistolário**, XLVI.2, tradução nossa).

Após uma comparação com outras regiões, é afirmado que Jerusalém é um local buscado por muitos em busca de purificação espiritual. É lá que se reúnem os cristãos mais espirituais de toda a Terra. Em Jerusalém, há uma liberdade permeada pela grande e maior das virtudes: a humildade.

Aqui os maiores do mundo inteiro se reúnem. Chegamos a esses lugares, não como os primeiros, mas como os últimos, para contemplar neles a primeira de todas as nações. Não há dúvida de que a mais preciosa flor e pérola entre os ornamentos da Igreja é o coro de monges e virgens. [...] A única teimosia entre todos é de humildade²¹.

Este recorte ressalta a importância espiritual desses locais, destacando que ali se reúnem os mais renomados do mundo inteiro. Existe um paraíso na Terra! Um lugar onde ninguém lhe censura, seja devido às vestes, comida, fome ou outra coisa qualquer, ninguém julga para não ser julgado. Certamente, a referência final é a oposição enfrentada em Roma, a qual culminou na fuga de Jerônimo para Belém.

O local para onde Marcela precisa se mudar é descrito como um paraíso na terra destinado a virgens consagradas e monges. São estabelecidas comparações que remontam ao Antigo Testamento, abordando a sagrada cidade de Jerusalém e suas proximidades de uma perspectiva ascética, culminando na apresentação do lugar onde Cristo nasceu e viveu com sua mãe.

Aqui, nesta pequena região da Terra, nasceu o Criador dos céus. Aqui ele estava embrulhado em fraldas, aqui a estrela apontou para ele,

²¹ Original em latim: “*qui in toto orbe sunt primi huc pariter congregari. Ad quae nos loca non ut primae sed ut extremae uenimus, ut primos in eis omnium gentium cerneremus. Certe flos quidam et pretiosissimus lapis inter ecclesiastica ornamenta monachorum et uirginum chorus est. [...]. humilitatis inter omnes contentio est.*” Em espanhol: “Aqui se congregan los mayores que hay en todo el orbe de la tierra. A estos lugares hemos venido nosotras, no como las primeras, sino como las últimas, para contemplar en ellos a los primeros de todas las naciones. No cabe duda que la flor y la perla más preciosa entre los ornamentos de la Iglesia es el coro de los monjes y vírgenes. [...]. La sola porfia entre todos es de la humildad.” (Jerônimo, **Epistolário**, XLVI.10, tradução nossa).

aqui ele foi adorado pelos magos. E, na minha opinião, este lugar é mais sagrado do que a rocha de Tarpeya, que, muitas vezes atingida por um raio, nos permite entender o quanto foi desagradável ao Senhor²².

É nítida a comparação entre Jerusalém e suas regiões bíblicas, o local do nascimento do Salvador, e Roma, evocada através da Rocha de Tarpeia, um local associado à morte onde os malfeitores eram lançados de um alto monte. Marcela precisava escolher entre a vida e a morte, entre Jerusalém e Roma, ou entre uma vida mais espiritualmente bíblica no deserto e uma vida tumultuada e cheia de pecado ao seu redor.

A Nepociano

Jerônimo, em Belém, continuou suas tentativas de persuadir uma certa audiência sobre as vantagens de viver em Jerusalém ou longe de Roma. Notamos que sua carta LII, endereçada a Nepociano²³, sobrinho de Heliodoro²⁴ (o destinatário da epístola XIV), está profundamente marcada pela ideia do deserto. A carta (escrita em 384 d.C.) é uma resposta à questão sobre a vida de um monachus ou um clericus. Para abordar essas questões, ele recorre ao seu passado quase vitorioso:

²² Original em latim: “*Ecce in hoc paruo terrae foramine coelorum conditor natus est. Hic inuolutus pannis, hic uisus a pastoribus, hic demonstratus ab stella, hic adoratus a magis. Et, puto, sanctior locus est rupe Tarpeia quae de coelo saepius fulminata ostendit, quid Domino displiceret.*” Em espanhol: “Aquí, en este pequeño agujero de la tierra, nació el Creador de los cielos. Aquí fue envuelto en pañales, aquí lo señalo la estrella, aquí fue adorado por los magos. Y, en mi sentir, este lugar es más sagrado que la roca Tarpeya, la cual, herida muchas veces por el rayo, da bien a entender cuánto haya desplacido al Señor.” (Jerônimo, **Epistolário**, XLVI.11, tradução nossa).

²³ A prosopografia diz ser sobrinho de Heliodoro, bispo de Altinum (Epíst. LX). Após servir no palácio, Nepociano renunciou suas propriedades e tornou-se monge. JONES, A. H. M.; Martindale, J. R.; Morris, J. **The Prosopography of the Later Roman Empire**. Cambridge: University Press. 1971, vol I. p. 117.

²⁴ Heliodoro era Bispo de Altino, cidade próxima à Concordia e Aquilea. Cf. Leite. **O deserto nas cartas de São Jerônimo**. 2021, p. 226. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021, fl 195.

Quando eu era jovem, ou melhor, quase criança, e restringi o primeiro ímpeto da minha nova era com a dureza do deserto, escrevi ao seu tio, o santo Heliodoro, uma carta de exortação, cheia de lágrimas e queixas, com as quais queria fazê-lo entender o sentimento do amigo abandonado²⁵.

Veja que desde muito cedo ele foi experimentado na escola do deserto. Ele descreve seu início nesse caminho como uma época de transição, marcada pelo “espírito” e dureza deserto²⁶. Nepociano deveria seguir os mesmos passos: usar a solidão como instrumento de contenção das paixões carnis, como meio de superar os desejos e pecados que levam os homens a viverem a baixa espiritualidade.

A isso, segue-se uma grande lista de recomendações ascéticas sobre verdade, costumes, convívio, atendimento e serviço na vida clerical. Jerônimo, ainda nessa epístola, comenta acerca de uma proibição legal sobre os monges e clérigos de receberem herança, achava que era vergonhosa tal lei, pois deveria ser algo natural. Ele mesmo nunca teve nada, “nascido em uma pobre casinha ou talvez em uma barraca no campo, que com quase nenhum milheto e pão poderia silenciar meu ventre, que estava berrando de fome [...]”²⁷. Essa infância que resvala

²⁵ Original em latim: “*Dum essem adolescens, immo paene puer, et primos impetus lasciuientis aetatis heremi durtia refrenarem, scripsi ad auunculum tuum sanctum Heliodorum exhortatoriam epistulam plenam lacrimis querimoniisque, et quae deserti sodalis monstraret affectum.*” Em espanhol: “Cuando era yo un mozo o, por mejor decir, casi un niño y refrenaba los primeros ímpetus de mi edad lozana con la aspereza del yermo, escribí a tu tío, el santo Heliodoro, una carta exhortatoria, llena de lágrimas y quejas, con que quise darle a entender el sentimiento del amigo abandonado.” (Jerônimo, **Epistolário**, LII.1, tradução nossa)

²⁶ Não é nosso objeto aqui abordar a retórica da solidão na amizade, muito usada na epistolografia antiga, porém reconhecemos seu uso. As ressonâncias da tópica clássica da amizade podem ser melhor notadas nos capítulos III.I.I; I.II e I.VI. tópicos que falam da biografia e amizades de Jerônimo. Cf. Leite. **O deserto nas cartas de São Jerônimo**. 2021, p. 226. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021, fl 182.

²⁷ Original em espanhol: “nascido en pobre casilla y acaso en una choza del campo, que apenas si con mijo y pan moreno podia acallar mi ventre, que bramaba de hambre.” (Jerônimo, **Epistolário**, LII.17, tradução nossa).

na direção de aproximar-se com o nascimento de Jesus convida o leitor a pensar nas dificuldades enfrentadas pelo erudito do deserto desde muito cedo. Jerônimo insiste, inclusive, em dizer que se sentia oprimido em Roma devido ao excesso de conforto disponível (Epistolário: LII.17).

Em carta destinada ao seu tio, o bispo Heliodoro, por ocasião da sua morte, Jerônimo diz que Nepociano, mesmo na cidade, carregava dentro de si o deserto. Ora, este presbítero chegou a viver no ermo (Epistolário: LX.9), mas em razão de seu grande amor pelos miseráveis das cidades, voltou para *palatii militia*. Jerônimo, contudo, diz que mesmo entre os soldados romanos, Nepociano carregava os sinais do deserto em seu rosto pálido de jejuns. Este homem de Deus voltou para a cidade a fim de ajudar viúvas, oprimidos e miseráveis.

O desejo dele, oprimido na cidade, no palácio, era, diariamente, estar nos mosteiros do Egito ou visitar coros de monges da Mesopotâmia, ou “habitar as solitudes das ilhas da Dalmácia”²⁸ próximas ao Altino. Desejoso pela alta perfeição, não o pôde ser. Não sendo monge, agia como tal, era o primeiro em trabalho e o último em preferência. Seu peito era uma biblioteca de Cristo. A pobreza, assim como o seu rigor ético e moral vistos em seus costumes e comportamento, fizeram com que ele, amando a pobreza, descobrisse o ornamento da igreja (Epistolário: LX.10).

A Furia

Podemos examinar mais uma epístola. Na correspondência destinada a Furia (LIV) filha de um consular e patrício cristão, uma descendente dos Furius Camillus e Gracos e aparentada com Paula, Jerônimo responde ao pedido de conselhos sobre como santificar a viuvez. Nessa epístola — ele lembra com louvor, próprio do gênero ou estilo epistolar, que a mãe da destinatária Titiana, de santa memória, foi santa viúva por muito tempo (Epistolário: LIV.1) — Jerônimo está ciente de que seus comentários podem despertar a ira da aristocracia romana, antecipando que poderia

²⁸ Original em espanhol: “habitar nas soledades (solitudines) de las islas de Dalmácia.” (Jerônimo, **Epistolário**, LX.10, tradução nossa).

ser rotulado como um mago sedutor e ser exilado para os confins do mundo (Epistolário: LIV.2).

Querendo cativar a nobre para seu ascetismo cristão ou para ser uma possível benfeitora de seus empreendimentos, Jerônimo recorre às memórias que afirma ter de sua mãe: sua palidez resultante dos jejuns; sua caridade para com os pobres; seu respeito pelos servos de Deus; sua humildade de coração e sua modéstia nas vestimentas, além da moderação em suas palavras (Epistolário: LIV.6).

Sua mãe, paradoxalmente, quanto mais austera ela parecia, mais bela se tornava, em semelhança à mulher pecadora após o encontro com o Senhor (cita Lucas 7. 36-50). Jerônimo se destaca que: os dardos inflamados do diabo se apagam com o frio de jejuns e vigílias. Para o monge erudito, o corpo deve demonstrar a castidade que se professa no falar. Esses conselhos ressoam à tópica do deserto cristianizada e repercute a tradição ao mesmo tempo que se pretende memorar a piedosa mãe²⁹.

Jerônimo recomenda que ela não saia com frequência em público, nem com um exército de eunucos em sua frente (Epistolário: LIV.12,13). Se não pode habitar lugares ermos, pode, ao menos, adotar uma ética do ermo (como a Nepociano) mesmo nos locais mais intensos e tumultuados da cidade. Essa carta evidencia uma apresentação notável de um deserto

²⁹ Nessa carta Jerônimo tenta convencê-la sobre as paixões que podem ser controladas com exercícios espirituais com jejuns e orações. Original em latim: “*Neque uero haec dicens condemno cibos quos Deus creauit ad utendum cum gratiarum actione; sed iuuenibus et puellis incentiva esse adsero uoluptatum. Non Aetnaei ignes, non Vulcania tellus, non Veseus et Olympus tantis ardoribus aestuant ut iuueniles medullae uino plene, dapibus inflammatae.*” Em espanhol: “Al decir esto no intento condenar la comida, que Dios creó para que la tomemos con hacimiento de gracias (I Tm 4.3); lo que afirmo es que, para los jóvenes y muchachitas, es incentivo del placer. Los fuegos del Etna, la tierra de Vulcano, el Vesubio y Olimpo no son nada en sus ardores, comparados con los fuegos de las médilas juveniles llenas de vino y abrasadas po la buena comida.” Ao dizer isso, eu não tento condenar a comida que Deus criou para nós a levá-la com ação de graças (I Tm 4.3). O que afirmo é que, para rapazes e moças, é um incentivo ao prazer. Os incêndios do Etna, a terra de Vulcano, Vesúvio e Olimpo não são nada ardentes, comparados aos incêndios das medulas dos jovens cheios de vinho e queimados por boa comida. (Jerônimo, **Epistolário**, LIV.9, tradução nossa).

que pode ser conquistado mesmo na cidade. Mostra-se assim que era possível conquistar os benefícios do deserto também no ambiente urbano, embora exija os cuidados recomendados.

A Paulino de Nola

Outro discurso epistolar atravessado pela tópica do deserto e escrito desde Belém é aquele presente nas cartas LIII e LVIII a Paulino de Nola³⁰. Esse presbítero, parente dos Valerri e da senhora Melânia, a jovem — um aristocrata convertido ao cristianismo — havia possivelmente solicitado conselhos bíblicos ao mestre belemita. Nessas duas cartas encontraremos o funcionamento da tópica do ermo legitimando os conselhos e as orientações de Jerônimo.

Na primeira carta, ele tece comentários sobre as Escrituras e sinaliza que tais conhecimentos foram encontrados no deserto (mais uma vez a tópica bíblica do lugar onde Deus inspira). Com decoro epistolar e retórica impressionante, diz a Paulino que os segredos mais preciosos são buscados bem longe, distantes (como ele)³¹. Nesse sentido, ele traz a ideia de deserto como lugar de produção do conhecimento.

Todavia, Jerônimo não está diante de um homem disposto a abandonar a vida “civilizada”. Não se tratava de alguém que se inclinava completamente ao deslocamento social. Em suas últimas palavras, ao concluir seus primeiros conselhos, ele diz a Paulino: “Vamos viver como aqueles que nada têm e possuem tudo (2 Cor 6.10). Comida e roupa

³⁰ Paulino de Nola, nasceu por volta do ano 350 d.C., na cidade de Bordeaux, região francesa. Era filho de um alto funcionário imperial bem localizado na economia e na política. É bem provável que, antes de ser uma figura importante entre os clérigos, foi cônsul e substituiu o governador da Campânia. Era conhecido do bispo Ambrósio de Milão, bem como com o jovem Agostinho, que se tornara bispo de Hipona. JONES, A. H. M.; MARTINDALE, J. R.; MORRIS, J. **The Prosopography of the Later Roman Empire**. Cambridge: University Press. 1971, vol I. p.624.

³¹ Original em espanhol: “Más halló en la fuente desértica da igreja que en el dorado templo de la sinagoga.” (Jerônimo, **Epistolário**, LIII.5, tradução nossa).

são as riquezas dos cristãos”³². Esse será o tom, ou seja, um deserto na cidade, para esse presbítero.

Nesse mesmo sentido, na carta LVIII, diz a ele para converter a sentença de Mateus 19.21³³ em obras. Não bastava apenas crer ou ser um cristão comum, era necessário tomar uma ação mais profunda para subir mais rápido a escada de Jacó citada em Gênesis 28, 11.19. Era necessário tomar uma atitude virtuosa! Mas se não pode ir ao deserto, o deserto poderia ir até ele!

Jerônimo sabia como orientar cada um de seus correspondentes. A esse ex-cônsul, membro das altas camadas sociais romanas, era melhor lhe instruir metaforicamente. Havia barreiras sociais e políticas que o monge erudito bem conhecia. Ele antecipa a preocupação de Paulino quando poderia pensar: para onde vou se moro em uma cidade tão cheia e tumultuada? Jerônimo diz que:

Bem, não pense que sua fé está faltando porque você não viu Jerusalém e você não me considera melhor porque eu desfruto do abrigo deste lugar. Aqui ou em outro lugar, você receberá a mesma recompensa de nosso Deus, de acordo com suas obras. [...] Aqui está a diferença que vejo em relação aos lugares: deixe as cidades e o trânsito das cidades e viva em uma casa de fazenda, procure Cristo em solidão e ore sozinho com Jesus no monte³⁴.

³² Original em espanhol: “Vivamos como quienes nada tienen y todo lo poseen (2 Cor 6,10). La comida y vestido son las riquezas de los cristianos.” (Jerônimo, **Epistolário**, LIII.11, tradução nossa).

³³ Jesus lhe respondeu: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que possuis e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois vem, e segue-me.

³⁴ Original em latim: “*Cur, inquires, haec tam longo repetita principio? Videlicet ne quidquam fidei tuae deesse putes, quia Jerosolymam non vidisti: nec nos idcirco meliores aestimes, quod hujus loci habitaculo fruimur: sed sive hic, sive alibi, aequalem te pro operibus tuis apud Dominum nostrum habere mercedem. [...]. differentias in locis arbitror, si urbibus et frequentia urbium derelicta, in agello habites, et Christum quaeras in solitudine, et ores solus in monte cum Jesus*”, em espanhol: “Pues a que no pienses falta nada a tu fe porque no hayas visto a Jerusalém, ni me tengas a mí por mejor porque gozo de la vivienda de este lugar. Aquí o en otra parte, el mismo galardón recibirás de nuestro Dios conforme a tuas obras. [...] he aquí la diferencia que veo respecto a

Ele não precisava ficar preocupado, afinal a diferença é só geográfica. Paulino poderia alcançar os mesmos benefícios do lugar ermo em uma cidade, desde que se comportasse como tal. Após dizer que viver em Jerusalém não fará diferença, no verso 4 ele aponta para uma vida de solidão mesmo na cidade. Paulino deveria procurar a Cristo em solidão ou solitude e orar a sós com Jesus na montanha.

Jerônimo tem muito claro suas escolhas e a tradição que ressoa³⁵, porém para seu amigo e possível patrono, ele adapta o deserto. Aqueles que não conseguem viver uma vida lá junto ao monge erudito, deveriam seguir as recomendações tais como: orar com frequência; ler as Sagradas Letras sempre; dormir com ventre vazio; fugir das más companhias que contam mentiras e vaidades, bem como dos aduladores; evitar companhia justamente do círculo dos poderosos, ou seja, refazer o círculo de amizades e deve ele pessoalmente ir aos pobres esmolar (Epistolário: LIV.6-11).

Nessas epístolas, vimos o deserto se apresentando e adaptando-se conforme a necessidade do suposto(a) aspirante à vida santa. De Marcela a Paulino de Nola, o deserto ora se assemelha aos locais bíblicos geograficamente situados, ora se apresenta como uma ética, uma moral. Os destinatários foram convidados, orientados, convocados a viverem uma vida mais perfeita a partir da lógica do deserto. Em que pese o decoro epistolar, fato é que as epístolas estão banhadas dessa tópica clássica compreendida tanto na tradição hebraica quanto romana-cristã.

Conclusão

lugares: deja las ciudades y tráfigo de las ciudades y vive en alguna alquería, busca a Cristo en la solidad y ora solo con Jesús en el monte.” (Jerônimo, **Epistolário**, LVIII.4, tradução nossa).

³⁵ Jerônimo deixa claro que o melhor é deixar o mundo e seguir o caminho dos Eremitas: “Quanto a nós, temos como guia e exemplo de nossa profissão os Paulos, Antônio, Juliano, Hilários e Macários; e, voltando à autoridade das Escrituras, nosso modelo é Elias, modelo de Eliseu, guia nossos são aqueles filhos dos profetas que viviam em solidão e montam suas tendas perto das correntes do Jordão”. (Jerônimo, **Epistolário**, LVIII.5).

O deserto, nas epístolas de São Jerônimo, revelou-se notável e harmonizado com sabores palatáveis. Sua estrutura foi meticulosamente delineada e bem articulada, adaptando-se ao destinatário. Os grupos dirigentes reconheceram a necessidade de prestígio e status social, que historicamente conferia-lhes poder. No entanto, os tempos atuais são distintos.

Desde há muito tempo, os grupos dirigentes e as elites romanas se distinguiram do restante da população não somente pelo nome da família ou pelas grandes propriedades que exibiram. A educação moral, a conduta um tanto ascética, característica de um estoicismo acentuado, foram sinais de um “homem bem-nascido”. Esse conjunto de regras e códigos morais foi proporcionado, em alguma medida, pela paideia grega-latina (Brown, 1992, p. 38).

No entanto, a paideia, no IV século, estava em franco processo de cristianização, sendo o próprio Jerônimo um exemplo. Nesse período, o deserto era uma espécie de autenticador e legitimador de autoridade intelectual e social entre os grupos de nobres cristãos, especialmente aos de maior inclinação ao ascetismo. Se a escola latina e toda a sua tradição forjavam e distinguiam os grupos dirigentes no Império Romano antes da ascensão do cristianismo, agora, não bastava ser educado nos moldes aristocráticos antigos; era preciso ser um “campeão da fé”. Nesse sentido, nenhum lugar seria melhor que o deserto, onde todos os grandes profetas passaram, para produzir os “verdadeiros” sábios e representantes sociais desse tempo.

As epístolas envolveram o deserto em medidas proporcionais. Cativante e fundamental na cultura, esse elemento ocupou um espaço privilegiado no discurso epistolar de São Jerônimo. Ao mesmo tempo, em que desejava que nobres damas e cavaleiros se unissem a ele nos empreendimentos intelectuais, suas cartas demonstram uma convicção: o deserto promovia a melhor paideia que alguém pudesse esperar. Essa convicção ressoa nas epístolas de São Jerônimo, destacando o papel do deserto como um catalisador de mudanças espirituais e intelectuais.

Referências:

AMARAL, Ronaldo. *A santidade habita o deserto: a hagiografia à luz do imaginário social*. São Paulo: UNESP, 2009.

BERARDINO, Angelo. *Patrología III: edad de oro de la literatura patristica latina*. Madrid: B.A.C., 1978.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1985.

BROWN, Peter. *Power and Persuasion in Late Antiquity: towards a Christian Empire*. Londres: Wisconsin, 1992.

CAIN, Andrew. *The Letter Collections of Jerome of Stridon*. In: SOGNO Cristiana, STORIN, Bradley K., and WATTS, Edward J., *Late antique letter collections: a critical introduction and reference guide*. Oakland, California: University of California Press, 2016.

CAIN, Andrew. Vox Clamantis in deserto. *Journal of Theological Studies*, NS, vol. 57, pt 2, Oct., 2006. Disponível em: <https://academic.oup.com/jts/issue/57/2?browseBy=volume>. Acesso em: 03 jul. 2024.

CAIN, Andrew; LÖSSL, Josef. *Jerome of Stridon: His Life, Writings and Legacy*. Colorado, Ashgate, 2009.

CARPINETTI, Luís Carlos Lima. *O aspecto polêmico da apologia de Jerônimo contra Rufino*. 2003. 252f. Tese (doutorado). Pós-Graduação em Letras Clássicas, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

CARVALHO, Margarida Maria de. *Paideia e retórica no Séc. IV d.C.: a construção da imagem do imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno*. São Paulo: Annablume, 2010.

CASTANHO, Gabriel de C. G. A Polissemia (Social) Do Deserto: Uma História Do Tópos Histórico E Historiográfico Da Solidão Monástica No Contexto Latino Medieval. *Revista de História*. (São Paulo), nº 173, p. 115-139, jul. – dez., 2015.

CRUZ, Marcus Silva da. *Da Virtus Romana à Virtude Cristã: Um Estudo Acerca da Conversão da Aristocracia de Roma no IV século a partir das Epístolas de Jerônimo*. 1997. 110f. Tese (Doutorado em História).

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS). Rio de Janeiro, 1997.

JONES, A. H. M.; MARTINDALE, J. R.; MORRIS, J. *The Prosopography of the Later Roman Empire*. Cambridge: University Press. 1993, p. 542.

LEITE, Eduardo Silva. *O casamento nas epístolas de São Jerônimo*. 2013. 92 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Cuiabá, 2013.

LEITE, Eduardo Silva. *O cristianismo jeronimiano e as nobres mulheres de Roma: uma reflexão a partir das cartas de São Jerônimo*. Revista Mundo Antigo, v. 6, p. 79, 2017.

LEITE, Eduardo Silva. *O deserto nas cartas de São Jerônimo*. 2021. 259 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Geografia, História e Documentação, Cuiabá, 2021.

MARTINS, Maria Cristina S. *Cultural and Linguistic aspects of Saint Jerome's Epistles concerning Antioch, Syria, and Constantinople*. Firuzağa Mah. Boğazkesen Cad., No:76/8, 34425, Beyoğlu, İstanbul. Dakam's International Social Sciences Meeting March 2017 Conference Proceedings Sociocri '17 / IV. International Sociology Conference Social Movements Studies. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/315817229>. Acesso em: 26 mar. 2020.

MELO, José Joaquim Pereira. São Clemente Romano e sua carta aos Coríntios: aspectos da educação cristã. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano V, n.º 13, maio, 2012.

MORENO, Francisco. *San Jerónimo: La espiritualidad del desierto*. Madri: B.A.C., 1986.

MARROU, Henry-Irénée. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: E.P.U., 1973.

PENNA, Angelo. *San Jerónimo*. Barcelona: LM, 1952.

PONTIFICIA UNIVERSIDAD DE SALAMANCA. *Cartas de San Jerónimo*. Introdução, versão e notas por: Daniel Ruiz Bueno. Madrid: La Editorial Católica S.A, 1962, 1 e 2v.

REBENICH, Stefan. *Jerome: The Early church Fathers*. London and New York: Routledge, 2002.

SANTOS, Lorena Melissa dos. A Educação Feminina como Projeto Educativo em Cartas De Jerónimo de Stridon. Dissertação (mestrado). Departamento de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2018.

SCHAFF, Philip. *Nicene and post-nicene fathers: the principal works of st. Jerome*. Edinburgh: T&T Clark. s.d. Serie II, volume 6.

SOTOMAYOR, Manuel; ULBIÑA, José Fernández (org.). *El monacato Cristiano in Historia del Cristianismo – 1. El mundo Antiguo*. Granada: Trotta. 2003.

JAEGER, Werner. *Cristianismo primitivo e paidéia grega*. Santo André, SP: Academia Cristã, 2014.

TAMANINI, Paulo Augusto. O Tema Do Deserto E Da vida Ascética No Monaquismo Feminino Na Igreja Cristã Primitiva: Os Monges E As Monjas Do Deserto. *Revista Signum*, 2016, uol. 17, n. 1, p. 181.